

Compreender os desafios das adaptações climáticas e das transformações nas cidades africanas

Resumo das linhas orientadoras contidas na Edição Especial da COSUST, Current Opinion in Environmental Sustainability¹

Num workshop pioneiro que contou com académicos e profissionais especialistas em urbanismo, de toda a África e do estrangeiro, foi avaliado o estado da arte sobre a adaptação urbana às alterações climáticas no continente.

Este workshop deu origem a uma selecção de artigos que foram publicados na edição especial da revista científica, Current Opinion in Environmental Sustainability [Parecer Actual sobre Sustentabilidade Ambiental]. A junção das suas perspectivas individuais fornece um panorama interessante, e importante, das similaridades e questões locais distintivas nas respostas aos desafios e oportunidades do desenvolvimento urbano sustentável em África.



7 RECOMENDAÇÕES

- São necessárias estruturas abrangentes para regiões com muitos municípios; as alterações climáticas atravessam todas as fronteiras.
- São precisas fontes de receita adicionais.
- Considerar autoridades estratégicas metropolitanas e regionais urbano-rurais.
- Instruir sucessores dentro das organizações para assumir o controlo quando os “especialistas” se deslocam.
- O sector privado é diversificado; uns precisam de reconhecimento pelo trabalho desenvolvido, outros poderiam beneficiar do acesso a “centros de recursos”.
- Encorajar parcerias multi-sectoriais.
- As acções precisam de ser espacial e temporalmente escalonadas, para além dos ciclos eleitorais

Ver páginas 2-4 para mais detalhes

¹Current Opinion in Environmental Sustainability [Parecer Actual sobre Sustentabilidade Ambiental], volume 13, páginas 1-116 (Abril 2015). Editado por David Simon e Hayley Leck <http://www.sciencedirect.com/science/journal/18773435/13>

Os benefícios das Ideias Itinerantes

É essencial uma estratégia crescentemente focada no meio urbano para fazer face às alterações climáticas, mesmo em África, uma vez que as suas vilas e cidades são em parte responsáveis pelo rápido crescimento das emissões globais de gases de efeito de estufa.

A experiência prática dos participantes no workshop, literalmente de Dakar a Mombaça e da Cidade do Cabo a Argel, ilustra como novas ideias se disseminam por todo o continente, com uma significativa contribuição exterior através de agências internacionais e redes académicas. Esta pode ser interpretada como promotora de uma rápida aprendizagem local.

Todavia, há uma clara evidência de que é necessária uma adaptação para que estas inovações se adequem ao local e para maximizar as perspectivas de uma implementação bem sucedida e benefícios sustentáveis. Tentar simplesmente implementar estratégias fora do contexto em diferentes locais de países estrangeiros não é o caminho a seguir. No entanto, estes processos podem abrandar devido aos consideráveis interesses materiais e políticos afectos ao solo urbano e aos mercados imobiliários, bem como aos sistemas de governação de muitos países.

Várias contribuições enfatizam a necessidade de colmatar as lacunas que separam teoria, políticas e práticas na arena das alterações climáticas. Para ‘fazer diferença’, foi necessária uma diversidade de autores, filiações e abordagens conceptuais, que proporcionaram a base para um frutuoso engajamento transdisciplinar entre uma análise académica e intervenções práticas em contextos africanos muito diversos.

Ações específicas de mitigação têm sido tomadas sobretudo em cidades industriais com uma classe

média significativa e elevada posse de viaturas, especialmente na África do Sul. Em contraste, as intervenções de adaptação são diversas, reflectindo percepções de risco e perfis locais, limitações de recursos, tecnologias disponíveis e capacidade de planeamento e implementação em vários países. Algumas destas exigem surpreendentemente baixa tecnologia, para além de custos pouco elevados, desmentindo a falsa percepção comum que são sempre requeridos grandes investimentos ou desvios de outras rubricas orçamentais. Um dos casos apontados é a experiência das ‘escolas flutuantes’, desenhadas por um atelier de arquitectura privado para serem usadas na Lagoa de Lagos, mas com um abrangente potencial de aplicação em áreas inundáveis e corpos d’água sujeitos à elevação do nível do mar. (Ver fotografia p.3)

A Cities and Climate Change Initiative [Iniciativa Cidades e Alterações Climáticas] da UN-HABITAT tem uma função importante em várias cidades litorais e interiores. Dirigentes políticos, como em Lagos, e quadros superiores, como em Durban (eThekweni), proactivos e inspiradores, têm geralmente papéis fundamentais na transformação das suas cidades em líderes da adaptação. A aprendizagem mútua através de redes de cidades a diferentes escalas é também um meio promotor de mudança.

Os participantes no workshop valorizaram a integração da redução do risco de calamidades com a adaptação e resiliência às alterações climáticas. O trabalho sobre a redução do risco de calamidades fornece lições e experiências importantes nestes campos sobrepostos e complementares.

Houve ainda consenso na importância da integração de linhas orientadoras sobre as alterações climáticas

1.

A natureza das estruturas governamentais inibe muitas vezes a mudança e a inovação no sentido de acções mais efectivas relativas às alterações climáticas. Este cenário inclui e.g. a falta de estruturas abrangentes para regiões metropolitanas com muitos municípios pequenos. Estas instituições são essenciais para permitir um planeamento estratégico e acções proactivas de mitigação, adaptação e transformação, uma vez que as alterações climáticas e o risco de calamidades, pela sua própria natureza, atravessam limites administrativos e requerem intervenções metropolitanas e regionais.

2.

No contexto de crescente urbanização, as autoridades urbanas locais têm papeis chave no combate às alterações climáticas, mas muitas vezes o seu poder e recursos são desadequados. É vital desenvolver fontes locais de receita adicional e/ou uma recolha de receitas mais efectiva, tal como uma governação desenvolvida a vários níveis para dirigir com controlo os recursos estratégicos sectoriais das autoridades regionais e nacionais.

em programas e estratégias existentes. Caso contrário, as agendas sobre as alterações climáticas podem ser rapidamente marginalizadas a favor de necessidades mais imediatas e tangíveis e outras prioridades de desenvolvimento. Por outras palavras, esta integração pode ser o melhor instrumento para evitar a percepção ainda generalizada que o combate às alterações climáticas e a promoção do desenvolvimento são agendas em conflito. Várias intervenções para tornar os meios urbanos mais ecológicos, e outras cuidadosamente orientadas, podem revelar-se económicas e alcançar benefícios partilhados que respondam a múltiplas agendas, incluindo tanto a mitigação como a adaptação, criando novas oportunidades de emprego e subsistência, e provendo equipamentos de lazer que melhorem a saúde das populações.

ENQUADRAMENTOS

Os enquadramentos conceptuais e teóricos usados na pesquisa da Edição Especial são diversos. Os autores académicos usam geralmente perspectivas teóricas, com o objectivo de informar outras investigações ou avaliar intervenções já efectuadas, enquanto os profissionais tendem a ver o presente como o ponto de partida para planos de acção inovadores.

O quadro conceptual usado de forma mais abrangente advém de iniciativas em torno de discussões internacionais sobre alterações climáticas, pesquisas e formulação de linhas orientadoras. Mitigação, adaptação, vulnerabilidade e resiliência são usadas em várias combinações, com uma crescente e importante ênfase internacional na transformação das estruturas subjacentes e das relações vitais para operar mudanças substanciais na direcção da sustentabilidade

urbana, ainda não atingida a nenhum nível significativo. Apesar das transformações urbanas porem geralmente mais em causa os interesses dominantes, são cada vez mais evidentes em todo o continente as limitações das frequentes reformas para por fim a estilos de vida insustentáveis de alto consumo das elites e classe média - e que fomentam fortemente a inveja ou as aspirações da população urbana com menos recursos.

SERVIÇOS ECOSISTÉMICOS

As abordagens que incluem serviços ecossistémicos, i.e. os benefícios que as pessoas obtêm do funcionamento de ecossistemas saudáveis, estão a tornar-se mais usadas de uma forma geral. Apesar da extensão e da natureza do engajamento poder variar, ele reflecte a tentativa de atribuir ao meio ambiente valores inerentes e mensuráveis, cujo significado serve para atingir simultaneamente múltiplos objectivos, nomeadamente, a atenuação dos gases de efeito de estufa, a conservação da biodiversidade e o apoio a medidas de adaptação que incluem actividades de subsistência e mudanças de estilos de vida. Estas incluem oportunidades melhoradas de recreação e, por isso, de saúde pública.

Contudo, existem também limitações distintas e tensões potenciais na extensão de teorias de economia neoclássica a uma economia verde. Boas intenções e resultados de um planeamento apropriado diluem-se frequentemente ou são frustrados na sua implementação.

3.

As ligações às áreas peri-urbanas e regiões rurais são crescentemente vistas como aspectos importantes de uma região dinâmica - mas o poder e os recursos são espacialmente limitados e organizados dentro dos limites individuais de cada autoridade local. Este é outro motor por trás dos movimentos para estabelecer autoridades estratégicas metropolitanas ou mesmo de cidade-região.

4.

São necessários quadros qualificados e com experiência - técnicos capazes e especialistas em acções no âmbito das alterações climáticas que fazem um bom trabalho nas suas instituições são muitas vezes promovidos ou são-lhes oferecidos outros cargos. É assim vital instruir sucessores e assegurar que o conhecimento e competências chave sejam disponibilizados mais abrangentemente, de forma a assegurar a memória institucional.

5.

O sector privado é muito diversificado e enquanto alguns merecem reconhecimento pelo trabalho importante desenvolvido na resposta a desafios como a atenuação das emissões e processos de produção ecológicos, bem como na sensibilização dos seus trabalhadores e do público, outros são 'lentos', arrastam os pés ou envolvem-se em acções cosméticas de 'lavagem verde'. Muitos empreendimentos pequenos e informais poderiam beneficiar do acesso a instrução e 'centros de empresas' que lhes permitissem pôr fim a actividades poluentes e partilhar serviços e equipamentos mais dispendiosos.

6.

Parcerias multi-sectoriais para a obtenção de acordos e recursos, bem como comunicações e intervenções são desenvolvidas de forma mais apropriada e sustentada através de co-design e co-produção entre autoridades locais chave e outros grupos de agentes.

7.

Uma vez que o combate às alterações climáticas e ambientais mais abrangentes requer perspectivas a longo prazo, as acções precisam de ser espacial e temporalmente escalonadas, para além dos ciclos eleitorais e regimes de financiamento a curto prazo de doadores. A partilha de custos e a geração de receitas locais podem prover a base para uma sustentabilidade a longo prazo, enquanto a construção de consenso político sobre a importância do combate às alterações climáticas é um mecanismo eficiente para despolitizar este aspecto essencial à sobrevivência humana.

TERMOS CHAVE

Vulnerabilidade: ter pouca capacidade (bens, competências, contactos) para resistir a choques.

Mitigação: reduzir a emissão de gases de efeito de estufa e a vulnerabilidade aos efeitos desta emissão.

Adaptação: mudar para actividades, meios de subsistência e estilos de vida apropriados às mudanças das condições ambientais.

Resiliência: ter a capacidade de sobreviver aos choques e recuperar dos mesmos.

Transformação: mudança fundamental das estruturas urbanas e estilos de vida, necessária à transição para um desenvolvimento de vida urbana mais sustentável em África.

INFORMAÇÃO ADICIONAL

COSUST Special Issue¹: <http://www.sciencedirect.com/science/journal/18773435/13>

UN-HABITAT: www.unhabitat.org

CCCI: unhabitat.org/cities-and-climate-change-initiative

UGEC: ugec.org

MISTRA URBAN FUTURES:
www.mistraurbanfutures.org

Contacto: Prof David Simon, Director,
Mistra Urban Futures
david.simon@chalmers.se

This policy brief is available in English, French and Portuguese.
Portuguese translation: Vanessa Melo

¹A Edição Especial é o resultado principal do workshop, "Bearing the Brunt of Environmental Change" ["Suportar o Impacte das Mudanças Ambientais"], que decorreu no Royal Holloway, University of London, em Abril de 2013. Agradecimento aos financiadores do workshop: Urban Studies Foundation; Urbanization and Global Environmental Change Programme; ACC-DAR project, La Sapienza University of Rome; UN-HABITAT; Urban Climate Change Research Network

